



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



Francisco Marto

QUANDO NOSSA SENHORA APARECEU AOS PASTORINHOS EM FÁTIMA, ELA DISSE ' QUE LÚCIA E JACINTA IRIAM PARA O CÉU E QUE FRANCISCO IRIA, MAS "TINHA DE REZAR MUITOS TERÇOS". FRANCISCO, QUE NÃO OUVIA O QUE NOSSA SENHORA DIZIA, QUANDO SOUBE DESSAS PALAVRAS, AFIRMOU COM ANGÉLICA INOCÊNCIA: "Ô MINHA NOSSA SENHORA, REZO TODOS TERÇOS QUANTOS VÓS QUISEDES". E, A PARTIR DAÍ SUA VIDA ERA UMA CONTÍNUA ORAÇÃO, E QUANDO FICOU DOENTE, A MAIOR TRISTEZA DE FRANCISCO ERA SIQUER CONSEGUIR SEGURAR O SEU TERÇO.

Pastorinho de Fátima

No dia 11 de Junho de 1908, na freguesia de Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, então Patriarcado de Lisboa e actual diocese de Leiria, mais um menino veio alegrar a família de Manuel Pedro Marto e Olimpia de Jesus.

Nove dias depois, a 20 de Junho, o sino da rústica Igreja paroquial bamboleava alegremente anunciando que um novo filho, com o nome de Francisco, nascera para Deus nas águas do baptismo.

Seu pai, Manuel Pedro Marto (1873-1957). — o Ti Marto como carinhosamente lhe chamavam — "gozava da fama de ser o homem mais sério do lugar... incapaz de enganar alguém."

A mãe, senhora Olimpia, casou duas vezes, tendo dois filhos do primeiro matrimónio: do segundo, efectuado em 1897 com o senhor Marto, nasceram sete filhos. Foram os dois mais novos, Francisco e Jacinta, aqueles que o Céu escolheu para seus privilegiados.

O Francisco era rapaz de cara redonda, de feições muito perfeitas, olhos vivos, bem constituído, tendo apenas sofrido durante a vida inteira uma única doença, aquela que o levou à sepultura. Como os outros garotos da aldeia, vestia pobremente calças compridas e casaquito curto. Na cabeça, típica e compridíssima boina em forma de cone, que depois de lhe cobrir o cabelo, descia até ao ombro.

O carácter parece tê-lo herdado do pai: meigo, muito humilde, paciente, pouco falador, pacífico, equilibrado, aborrecendo por natureza o reboliço, o barulho e a algazarra. Era um filho da serra, de nervos calmos, de imaginação regrada, de alegria simples e franca. Tinha um jeito de alma meditativa, mais amigo de pensar e ouvir do que falar e manifestar-se, mais propenso a estar quieto, do que a andar.

Escrevem os Leitores



"...Tomei conhecimento desta maravilhosa revista, "O Desbravador", por uma amiga, que a muito custo me emprestou um exemplar. É tão difícil encontrar revistas que falem da vida dos santos, que fiquei fascinada. Gostaria de receber em casa, pois tenho filhos e seria ótimo para fazer apostolado entre meus conhecidos..."

CLEIRI C. BEQUER
Santa CRUZ DO RIO PARDO - SP

"...Foi com muita satisfação que folhiei em casa de amigos sua revista, e me apresso em pedir para que me seja enviada também esta revista católica, que nos reanima e fortalece..."

MARINA COSTA
VARGEM GRANDE PAULISTA - SP

"...Escrevo esta para agradecer, mais uma vez, o envio regular dos exemplares do periódico "O Desbravador", Como de costume, após a leitura, entrego-os a outros irmãos (ãs) visando a sua divulgação..."

JOSÉ ANTONIO FONSECA
SÃO PAULO - SP

"...Acuso o recebimento, bem assim agradeço, dos números 185/186. Muito obrigado. Muito gostaria de receber os números seguintes, assim como os anteriores ainda não esgotados, para enriquecer minha biblioteca..."

MANUEL NUNES DIAS
COTIA - SP

"...Solicitamos, se possível for, por obséquio, enviem-nos 10 exemplares de cada edição da revista "O Desbravador". Felicitando-lhes por tão brilhante trabalho, agradecemos desde já por sua aquiescência e comprometemo-nos enviar-lhes oportunas doações. A todos vocês nossas bênçãos..."

PADRE WALTER MATEUS
PIRENÓPOLIS - GO



O DESBRAVADOR

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GREMIO "SANTA MARIA"

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

Pe. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
JAIR AGENOR RIBEIRO

SUPERVISÃO

HERIBALDO C. DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS

COMPOSIÇÃO

ESTÚDIO "FRA ANGELICO"

REDAÇÃO

Pe. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON R. DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
PATRÍCIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO M. RUFINO

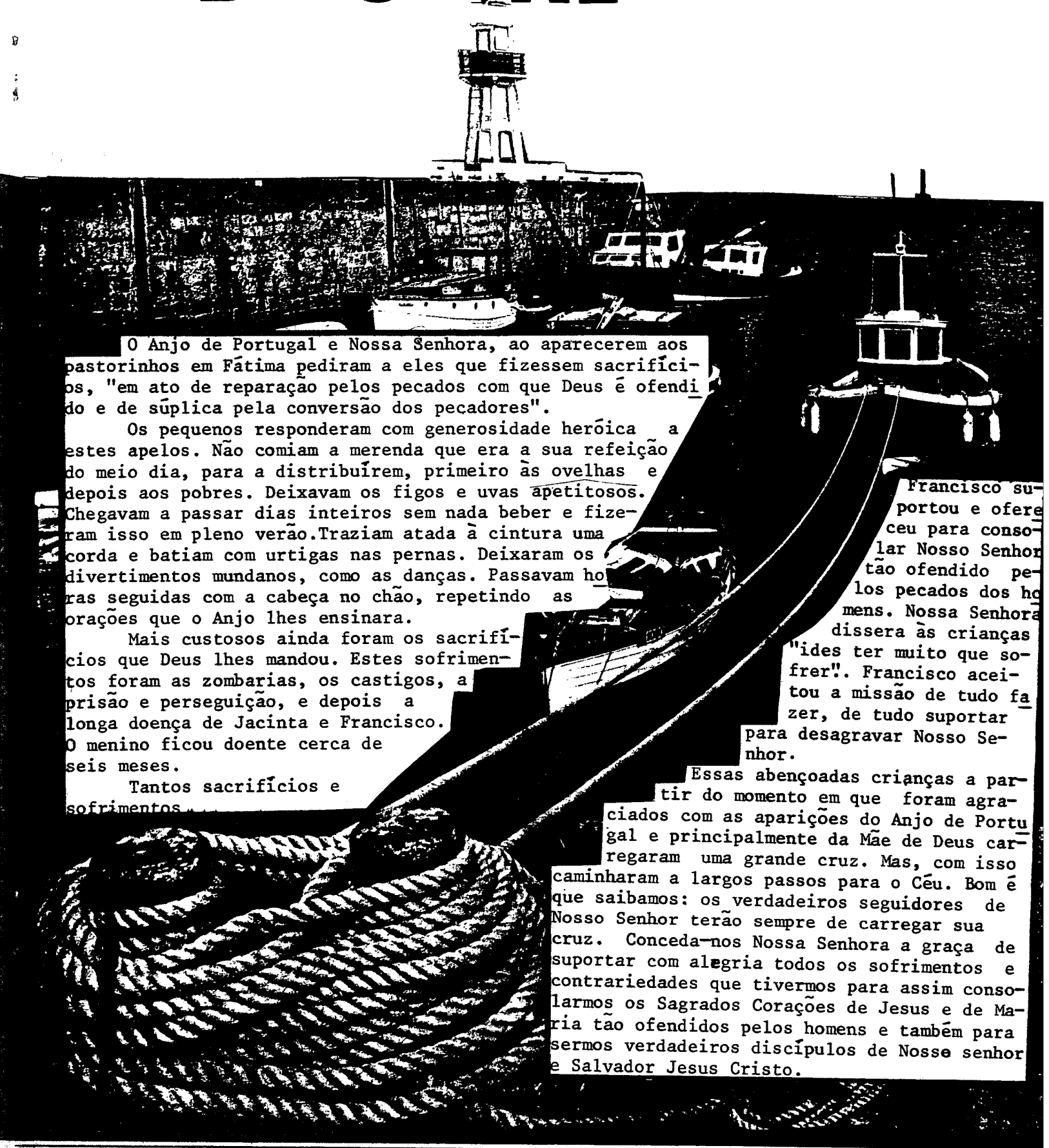
EXPEDIÇÃO

WALADIER NERI S. MACHADO
MOACIR ANDRADE DE PAULA
JOÃO ELCI DO ROSÁRIO
JORGE HENRIQUE SIQUEIRA RIBEIRO
RENATO VERÍSSIMO
ROGÉRIO VERÍSSIMO

CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL - 6416
01064-970 - SÃO PAULO SP

EDITORIAL



O Anjo de Portugal e Nossa Senhora, ao aparecerem aos pastorinhos em Fátima pediram a eles que fizessem sacrifícios, "em ato de reparação pelos pecados com que Deus é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores".

Os pequenos responderam com generosidade heróica a estes apelos. Não comiam a merenda que era a sua refeição do meio dia, para a distribuírem, primeiro às ovelhas e depois aos pobres. Deixavam os figos e uvas apetitosos. Chegavam a passar dias inteiros sem nada beber e fizeram isso em pleno verão. Traziam atada à cintura uma corda e batiam com urtigas nas pernas. Deixaram os divertimentos mundanos, como as danças. Passavam horas seguidas com a cabeça no chão, repetindo as orações que o Anjo lhes ensinara.

Mais custosos ainda foram os sacrifícios que Deus lhes mandou. Estes sofrimentos foram as zombarias, os castigos, a prisão e perseguição, e depois a longa doença de Jacinta e Francisco. O menino ficou doente cerca de seis meses.

Tantos sacrifícios e sofrimentos.

Francisco suportou e ofereceu para consolar Nosso Senhor tão ofendido pelos pecados dos homens. Nossa Senhora dissera às crianças "ides ter muito que sofrer!". Francisco aceitou a missão de tudo fazer, de tudo suportar para desagravar Nosso Senhor.

Essas abençoadas crianças a partir do momento em que foram agraciados com as aparições do Anjo de Portugal e principalmente da Mãe de Deus carregaram uma grande cruz. Mas, com isso caminharam a largos passos para o Céu. Bom é que saibamos: os verdadeiros seguidores de Nosso Senhor terão sempre de carregar sua cruz. Conceda-nos Nossa Senhora a graça de suportar com alegria todos os sofrimentos e contrariedades que tivermos para assim consolarmos os Sagrados Corações de Jesus e de Maria tão ofendidos pelos homens e também para sermos verdadeiros discípulos de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.



Ai de mim, se eu não for santo

Se eles foram santos, eu também posso ser, você também pode, todos podemos sê-lo. Para tanto não nos faltam os meios necessários. Temos os Sacramentos da Santa Igreja a nosso alcance. Temos a oração, que é o grande meio de salvação e santificação. É só usarmos desses meios, e, em breve nós mesmos notaremos a enorme transformação que ocorrerá conosco.

Se, por outro lado, podemos alcançar a santidade, devemos ser santos. Devemos ser grandes santos. Qualquer que seja a nossa idade, a nossa condição social, a nossa atividade, é vontade de Deus que eu seja santo.

A Igreja Católica nos mostra santos das mais variadas idades, profissões e condições. Meninos como São Domingos Sávio, Idosos como Santo Inácio de Antioquia; Mendigos como São Sêrvulo, reis como São Luiz, de França. Médicos, advogados, pais de família, estudantes, há santos em todos os campos.

E, repetimos, você, caro leitor também é chamado a ser santo. Aceita a graça que neste instante bate em sua vida. Aproveita a luz que agora ilumina o seu coração. Lembra o que Santo Agostinho disse: "Eu temo Jesus que passa pela rua de minha vida. Ai de mim se eu fechar as portas do meu coração. Talvez Ele nunca mais volte".

Sejamos, pois, santos. Prefiramos mil vezes morrer a uma só ofender a Deus. Sejamos modelo para os outros e vamos começar, rezando uma Ave Maria a Nossa Senhora para que Ela nos auxilie a sermos santos.

Muitas das pessoas que nos escrevem dizem que apreciam sobremaneira o fato de divulgarmos as vidas dos santos. Realmente, as biografias deles são o Cristianismo vivido em seu maior grau.

Entretanto, é preciso dizer que não basta gostar das vidas dos santos. Isso é bom, mas é insuficiente. É preciso, principalmente, imitar os santos. Ler as suas vidas, delas gostar, e não procurar imitar as virtudes desses heróis da Santa Igreja Católica, é um exercício de piedade sentimental que pouco aproveita às nossas almas.

É preciso sempre dizer que os santos não foram pessoas de ferro. Não foram, outrossim, birutas excêntricas. Igualmente, não foram pessoas sem tentações. Eles foram pessoas como nós, de carne e osso; sujeitos às mesmas vicissitudes que nós; sujeitos às mesmas misérias humanas como nós; muitas vezes tendo tido uma vida péssima. Mas, eles foram santos porque enfrentaram e venceram as tentações, corrigiram seus defeitos, superaram suas fraquezas e chegaram a praticar a virtude em grau heróico.

Lúcia, Francisco e Jacinta juntavam-se ao entardecer, numa velha eira, esperando com ânsia que as estrelas, a que chamavam as candeias dos anjos, e a lua, a que davam o nome de candeia de Nossa Senhora, tremeluzissem no firmamento. A Jacinta gostava mais da lua. Seu irmão preferia o sol.

O Francisco «lá ia connosco, para a velha eira, a brincar, enquanto esperávamos que Nossa Senhora e os Anjos acendessem as Suas candeias. Animava-se também a contá-las, mas nada o encantava tanto como o lindo nascer e pôr do sol. Enquanto deste se avistava algum raio, não investigava se já havia alguma candeia acesa.

— Nenhuma candeia é tão bonita como a de Nosso Senhor — dizia ele à Jacinta, que gostava mais da de Nossa Senhora, porque, dizia ela, não faz doer a vista.

E entusiasmado seguia com a vista todos os raios que, dardejando nos vidros das casas das aldeias vizinhas ou nas gotas de água espalhadas nas árvores e matos da serra, faziam brilhar como outras tantas estrelas, a seu ver mil vezes mais bonitas que as dos Anjos.» (Lúcia).

Com Lúcia e Jacinta, cedo começaram o Francisco a guardar o rebanho pertencente a seus pais.

«Tinham-nos recomendado que, depois da merenda, rezássemos o Terço; mas, como todo o tempo nos parecia pouco, para brincar, arranjámos uma boa maneira de acabar breve: passávamos as contas, dizendo somente: Ave-Maria, Ave-Maria, Ave-Maria! Quando chegávamos ao fim do mistério, dizíamos, com muita pausa, a simples palavra: Padre Nosso! E assim, num abrir e fechar de olhos, como se costuma dizer, tínhamos o nosso Terço rezado!» (Lúcia).

Na primavera do ano de 1916, estando a brincar numa colina chamada Loca do Cabeço, apareceu-lhes um Anjo.

Parecia «um jovem dos seus 14 a 15 anos, mais branco que se fora de neve, que o sol tornava transparente como se fora de cristal e de uma grande beleza. Ao chegar junto de nós, disse:

— Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo.

E ajoelhando em terra, curvou a fronte até ao chão e fez-nos repetir três vezes estas palavras:

— *Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam.*

Depois, erguendo-se, disse:

— *Orai assim. Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas.*

E desapareceu.

A atmosfera do sobrenatural que nos envolveu era tão intensa, que quase não nos dávamos conta da própria existência, por um grande espaço de tempo, permanecendo na posição em que nos tinha deixado, repetindo sempre a mesma oração. Desde aí, passávamos largo tempo assim prostrados repetindo-a, às vezes, até cair, cansados.» (Lúcia).

A segunda aparição do Anjo foi, não no sítio da primeira, mas no poço do quintal da família da Lúcia. Num dia de Verão desse mesmo ano de 1916, estando aí os três pequeninos pastores a brincar, tornaram a ver o mesmo Anjo, que lhes disse:

— *Que fazeis? Orai, orai muito. Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós designios de misericórdia. Oferecei, constantemente, ao Altíssimo orações e sacrifícios.*

— Como nos havemos de sacrificar? — perguntou a Lúcia.

— *De tudo o que puderdes, oferecei a Deus um sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atrai assim, sobre a vossa Pátria a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar.*



Estas palavras do Anjo gravaram-se em nosso espírito, como uma luz que nos fazia compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrifício e como ele Lhe era agradável, como, por atenção a ele, convertia os pecadores. Por isso, desde esse momento, começámos a oferecer ao Senhor tudo o que nos mortificava.»

No Outono de 1916, encontravam-se os três Pastorinhos na Loca do Cabeço, repetindo de cabeça no chão a oração que o Anjo na sua primeira aparição lhes tinha ensinado, naquele mesmo local. De repente, viram brilhar sobre eles um grande clarão.

«Erguemo-nos para ver o que se passava e vemos o Anjo, tendo em a mão esquerda um cálix, sobre o qual está suspensa uma Hóstia, da qual caem algumas gotas de Sangue dentro do cálix. O Anjo deixa suspenso no ar o cálix, ajoelha junto de nós, e faz-nos repetir três vezes:

— *Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.*

Depois levanta-se, toma em suas mãos, o Cálix e a Hóstia. Dá-me a Sagrada Hóstia a mim e o Sangue do Cálix divide-O pela Jacinta e o Francisco, dizendo ao mesmo tempo:

— *Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.*

E prostrando-se de novo em terra, repetiu connosco outras três vezes a mesma oração: *Santíssima Trindade, etc., e desapareceu.*» (Lúcia).



O Francisco, que nunca ouviu as palavras do Anjo, como nem depois as de Nossa Senhora, perguntou a Lúcia:

— O Anjo, a ti, deu-te a Sagrada Comunhão; mas a mim e à Jacinta, que foi que Ele nos deu?

— Foi também a Sagrada Comunhão — respondeu a Jacinta, numa felicidade indizível — Não vês que era o Sangue que caía da Hóstia?

— Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era! — respondeu o Francisco.

E prostrando-se por terra, permaneceu por largo tempo, com sua irmã, repetindo a oração do Anjo: «*Santíssima Trindade...*»

De todas as aparições com que o Céu o favoreceu, foi certamente esta a que maior influxo exerceu na alma boa do Francisco. As palavras do Anjo pedindo consolação para Deus, triste por causa de tantos ultrajes e pecados, impressionaram vivamente o seu coração sensível. Desde este momento, o seu ideal será consolar Nosso Senhor. Enquanto a Jacinta se tornou a apóstola dos pecadores, Francisco quis ser e foi o consolador de Jesus.

No dia 13 de Maio de 1917, que era domingo, brincavam os três Pastorinhos na Cova da Iria. Ao meio-dia viram um relâmpago. Temendo que viesse trovoada, desceram pela encosta e contemplaram sobre uma azinheira — uma Senhora vestida de branco, mais brilhante que o sol. Então — escreve Lúcia — Nossa Senhora disse-nos:

— Não tenhais medo. Eu não vos faço mal.

— De onde é Vossemecê? — lhe perguntei.

— Sou do Céu.

— E que é que Vossemecê me quer?

— Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13, a esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero.

— E eu também vou para o Céu?

— Sim, vais.

— E a Jacinta?

— Também.

— E o Francisco?

— Também, mas tem que rezar muitos terços...

— Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

— Sim, queremos.

— Ide, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto...

Por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente:

— O Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.

Nossa Senhora acrescentou:

— Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra.

Em seguida, começou-se a elevar serenamente, subindo em direcção ao nascente...



No dia 13 de Junho a branca Senhora disse:

— Quero que venhais aqui no dia 13 do mês que vem, que rezeis o terço todos os dias e que aprendais a ler. Depois direi o que quero.»

Quando a Lúcia pede para os levar a todos para o Céu, a Senhora responde:

— Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. A quem abraçar prometo a salvação, e serão queridas de Deus estas almas, como flores postas por Mim a adornar o Seu trono.

— Fico cá sozinha? — perguntei com pena.

— Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Foi no momento em que disse estas últimas palavras que abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus. A Jacinta e o Francisco parecia estarem na parte dessa luz que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra. À frente da palma da mão direita de Nossa Senhora, estava um coração cercado de espinhos que parecia estarem-lhe cravados. Compreendemos que era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação.» (Lúcia).



Na segunda aparição começa a manifestar-se a grande revelação de Fátima, o Coração de Maria, que se mostra circundado de espinhos — símbolo das ofensas com que é ultrajado pela ingratidão dos homens — e que vem pedir reparação dessas ofensas.

O Francisco, muito impressionado com o que tinha visto, perguntava às companheiras:

— Para que estava Nossa Senhora com um coração na mão, espalhando pelo mundo essa luz tão grande que é Deus? Tu, Lúcia, estavas com Nossa Senhora na luz que descia para a terra, e a Jacinta, comigo, na que subia para o Céu.

— É que — respondi-lhe — tu, com a Jacinta, vais breve para o Céu, e eu fico com o Coração Imaculado de Maria mais algum tempo na terra.»

E não se enganava. No feixe de luz que subia para o alto estavam os dois pastorinhos mais pequenos, que dentro em breve partiriam para o Céu. Na que se espargia pelo mundo estava Lúcia, cuja missão era continuar na terra, a fim de contribuir para a implantação e propagação do culto ao Imaculado Coração de Maria.

No dia 13 de Julho Nossa Senhora diz aos videntes, que se encontravam rodeados por três ou quatro mil pessoas:

— Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer.

— Quería pedir-lhe para nos dizer Quem é, para fazer um milagre com que todos acreditem que Vossemecê nos aparece.

— Continuem a vir aqui todos os meses. Em Outubro direi Quem sou, o que quero e farei um milagre que todos não-de ver, para acreditar.»

Pouco depois acrescentou:

— Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.»

A Senhora abriu as mãos, das quais saiu um farol de luz que pareceu penetrar pela terra dentro. Diante dos olhos aterrados dos Pastorinhos espalhou-se um imenso mar de fogo em que estão mergulhados os demónios em figuras horríveis e asquerosas, e as almas dos condenados, em forma humana, flutuando sem peso, nem equilíbrio, no turbilhão de labaredas e de nuvens de fumo, soltando gritos de dor e desespero.

«Assustados e como que a pedir socorro, levantámos a vista para Nossa Senhora, que nos disse, com bondade e tristeza:

— *Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores.*»

E ensina-lhes esta súplica humilde para intercalarem nos mistérios do terço:

— *O meu Jesus perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem.*»



O meio especial oferecido pelo Senhor ao nosso tempo para alcançar as suas graças e evitar os seus castigos é o Coração Imaculado de Maria. Por isso depois da horrorosa visão do inferno, Nossa Senhora afirmou:

— *Para salvar as almas, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus... começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre.*

Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de paz. Em Portugal conservar-se-á sempre o dogma da Fé, etc. Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo.»

Nestas palavras se contêm as duas primeiras partes do segredo já conhecidas:

1) Castigos pelo pecado: neste mundo, guerra, fome, erros espalhados pela Rússia com guerras e perseguições à Igreja, sofrimentos do Santo Padre; e no outro mundo, o inferno.

2) Remédio para evitar estes males: a reparação ao Imaculado Coração de Maria e a consagração da Rússia ao mesmo Imaculado Coração. Só ao Francisco que via, mas não ouvia Nossa Senhora, podiam contar estas coisas. Para os outros deveriam conservar-se longos anos em segredo.

Em 1917, Portugal, dominado por governos maçônicos, vivia tempos de atroz perseguição religiosa. Artur de Oliveira Santos, administrador onipotente do concelho de Vila Nova de Ourém, saiu à estacada para sufocar aquele movimento religioso — a reacção — que, no seu critério, poderia pôr em perigo a libertinagem democrática.

Mandou comparecer os videntes com seus pais na administração de Vila Nova de Ourém no dia 11 de Agosto. Lúcia lá foi acompanhada pelo pai, mas o senhor Marto não levou os filhos por serem demasiado pequenos.

«Quando à noitinha, voltei, corri logo ao quintal e lá estavam os dois, de joelhos, debruçados sobre a beira do poço, com a cabecinha entre as mãos, a chorar. Assim que me viram, ficaram surpreendidos:

— Tu vens aí?! Veio aqui a tua irmã (Maria dos Anjos) buscar água e disse-nos que já te tinham matado. Já rezámos e chorámos tanto por ti!...»

Do Francisco, em particular, diz a Lúcia: «Passou o dia a rezar e a chorar, numa aflição talvez maior do que a minha.»

Que amizade tão funda e sincera unia os corações puros daquelas três crianças!

Na manhã do dia 13 de Agosto, o administrador Artur de Oliveira Santos prende, leva à falsa fé e retém presos durante três dias, ora em sua casa, ora na cadeia municipal, os pequenos videntes.

«A Jacinta, o que mais lhe custava era o abandono dos pais; e dizia, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces:

— Nem os teus pais nem os meus nos vieram ver. Não se importaram mais de nós!

— Não chores — disse-lhe o Francisco —. Oferecemos a Jesus, pelos pecadores.

E levantando os olhos e as mãozitas ao Céu, fez ele o oferecimento:

— *O meu Jesus, é por Vosso amor e pela conversão dos pecadores.*

A Jacinta acrescentou:
— *É também pelo Santo Padre e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.*»

Ao Francisco o que mais o contristava, era o receio de que Nossa Senhora não lhes voltasse a aparecer. «Manifestava grande pena e dizia, quase a chorar:

— Nossa Senhora é capaz de ter ficado triste, por a gente não ir à Cova da Iria, e não voltar mais a aparecer-nos. E eu gostava tanto de A ver!

Quando a Jacinta, na cadeia, chorava com saudades da mãe e da família, ele procurava animá-la e dizia:

— A Mãe, se não a tornamos a ver, paciência. Oferecemos pela conversão dos pecadores. O pior é se Nossa Senhora não volta mais! Isso é o que mais me custa! Mas também o ofereço pelos pecadores.»



Para arrancar o segredo aos Pastorinhos, o Administrador não se poupou a esforços. Começou por lhes apresentar ricas prendas e lhes fazer as mais lisonjeiras promessas. Como não cedem, recorre às ameaças. Ensaia uma comédia, ou antes, uma tragédia. Manda a um guarda que prepare uma caldeira de azeite a ferver para os assar, caso não queiram desvendar o segredo.

Depois de uma pausa, aparece o guarda que com voz ameaçadora grita para a Jacinta:

— Ou dizes o segredo ou morres!

Como a pequenita responde negativamente, o guarda arrasta-a atrás de si.

«Foi imediatamente sem se despedir de nós. Enquanto a interrogavam, o Francisco dizia-me com imensa paz e alegria:

— Se nos matarem, como dizem, daqui a pouco estamos no Céu! Mas que bom! Não me importa nada.

E passado um momento de silêncio:

— Deus queira que a Jacinta não tenha medo. Vou rezar uma Ave-Maria por ela!

Sem mais, tira o carapuço e reza. O guarda, ao vê-lo em atitude de rezar, pergunta-lhe:

— Que estás a dizer?

— Estou a rezar uma Ave-Maria, para que a Jacinta não tenha medo.

O guarda fez um gesto de desprezo e deixou correr.»

Como o Francisco e a Lúcia respondem com a mesma heroica coragem, são ambos condenados à morte e lá vão corajosos, ao seu encontro.

Depois de três dias de infrutíferas tentativas e assaltos, o Administrador reconduz a Fátima os três pequenos videntes na tarde do dia 15 de Agosto, festa da Assunção de Nossa Senhora.



No domingo, dia 19 de Agosto, andando Lúcia, Francisco e um irmão deste chamado João a guardar o rebanho num lugar chamado Valinhos, pressentiram os dois videntes que Nossa Senhora lhes ia aparecer. «Tendo pena que a Jacinta ficasse sem A ver, pedimos ao seu irmão João que a fosse chamar. Como ele não queria ir, ofereci-lhe, para isso, dois vinténs e lá foi a correr. O Francisco mostrava-se preocupado por a Jacinta não estar.

— Que pena — dizia — se a Jacinta não vem a tempo!

E pediu ao irmão que fosse depressa.

— Diz-lhe que venha a correr.

Depois do irmão partir, dizia-me:

— A Jacinta, se não vem a tempo, vai ficar muito triste.»

Pouco depois de chegar a Jacinta, apareceu Nossa Senhora que disse:

«Quero que continueis a ir à Cova da Iria no dia 13, que continueis a rezar o terço todos os dias. No último mês, farei o milagre, para que todos acreditem.

— Que é que Vossemecê quer que se faça ao dinheiro que o povo deixa na Cova da Iria?

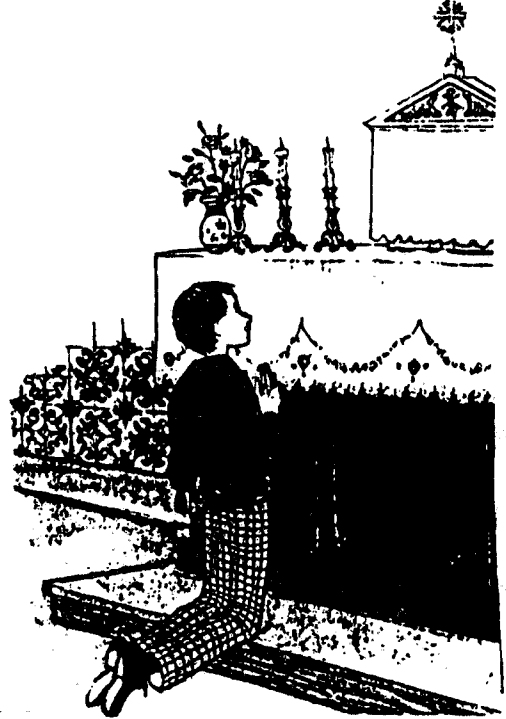
— Façam dois andores: um, leva-o tu com a Jacinta e mais duas meninas vestidas de branco; o outro, que o leve o Francisco com mais três meninos. O dinheiro dos andores é para a festa de Nossa Senhora do Rosário e o que sobrar é para ajuda de uma capela que hão-de mandar fazer.

E, tomando um aspecto mais triste, Nossa Senhora acrescentou:

— Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas.»

Os pedidos da celestial aparição foram cumpridos: a festa de Nossa Senhora do Rosário realizou-se em Julho de 1918 e a capela da Cova da Iria começou a ser construída no dia 6 de Agosto desse mesmo ano.

No dia 13 de Setembro os Pastorinhos compareceram na Cova da Iria, rodeados por mais de 25 mil pessoas que, de todos os lados, os assediavam com pedidos. Nossa Senhora, depois de pisar os pés sobre a azinheira, disse:



«Continuem a rezar o terço para alcançarem o fim da guerra. Em Outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, São José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo. Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda; trazei-a só durante o dia.

— Têm-me pedido para Lhe pedir muitas coisas: a cura de alguns doentes, dum surdo-mudo...

— Sim, alguns curarei; outros, não. Em Outubro farei o milagre, para que todos acreditem.

E começando a elevar-se, desapareceu como de costume.»

As palavras proferidas com semblante muito triste por Nossa Senhora na aparição de Agosto impressionaram profundamente os três videntes: «Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno, por não haver quem se sacrifique e peça por elas». Como tinham contemplado os horrores do inferno, rezavam e faziam todos os sacrifícios possíveis para libertarem as almas de tão espantoso tormento. Um dos sacrifícios mais dolorosos era o da corda, que cada um dos três videntes trazia atada à cinta. Nossa Senhora, em nome de Deus, manda com solicitude maternal que a tirem durante a noite a fim de poderem tomar o necessário repouso.

O Francisco, pouco antes de morrer, entregou à Lúcia a corda que sempre tinha usado, recomendando-lhe:

«Toma; leva-a antes que a minha mãe a veja.»

No dia 13 de Outubro, os Pastorinhos chegaram à Cova da Iria debaixo de chuva implacável e cercados por uma multidão de cerca de 70 mil pessoas. Eis os pedidos de Nossa Senhora nesta última aparição, no colóquio com Lúcia:

«Quero dizer-te que façam aqui uma capela em Minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuam sempre a rezar o terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para as suas casas.

— Eu tinha muitas coisas para Lhe pedir: se curava uns doentes, se convertia uns pecadores, etc.

— Uns, sim; outros, não. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados.

E tomando um aspecto mais triste:

«Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido.

E abrindo as mãos, fê-las reflectir no sol. E enquanto se elevava, continuava o reflexo da Sua própria luz a projectar-se no sol.»

Dá-se então o milagre do sol, prometido três meses antes, como prova da verdade das aparições de Fátima. Pára a chuva e o sol por três vezes gira sobre si mesmo lançando para todos os lados feixes de luz de variadas cores. Parece a dada altura desprender-se do firmamento e cair sobre a multidão. Após 10 minutos de prodígio, tomou o sol o seu estado normal. Entretanto os pastorinhos eram favorecidos com outras aparições.

«Desaparecida Nossa Senhora na imensa distância do firmamento, vimos, ao lado do sol, S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. S. José com o Menino pareciam abençoar o Mundo, com uns gestos que faziam com a mão em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida esta aparição, vi Nosso Senhor e Nossa Senhora que me dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores. Nosso Senhor parecia abençoar o Mundo da mesma forma que S. José. Desvaneceu-se esta aparição e pareceu-me ver ainda Nossa Senhora em forma semelhante a Nossa Senhora do Carmo.»

As palavras do Anjo na sua terceira aparição: «*Consolai o vosso Deus*» impressionaram profundamente o Francisco. «Enquanto a Jacinta parecia preocupada com o único pensamento de converter pecadores e livrar as almas do inferno, ele parecia só pensar em consolar Nosso Senhor e Nossa Senhora, que lhe tinha parecido estarem tão tristes.» (Lúcia). Dominado pelo sentimento da presença de Deus, percebido na luz que a Virgem Maria comunicou aos videntes na primeira e segunda aparição, discorria:

«Como é Deus!!! Isto sim, que nós não podemos nunca dizer! Mas que pena Ele estar tão triste! Se eu O pudesse consolar!...»

Outras vezes exclamava:

«Gosto tanto de Deus! Mas Ele está tão triste por causa de tantos pecados! Nós nunca havemos de fazer nenhum.»

Quando o interrompem nas suas longas orações e lhe perguntam que está a fazer, responde:

«Estou a pensar em Nosso Senhor que está tão triste por causa de tantos pecados... Oh se eu fosse capaz de O pôr contente!»

Na doença segreda à Lúcia:

«Nosso Senhor está ainda triste? Tenho tanta pena que Ele esteja assim! Eu ofereço-Lhe quantos sacrifícios posso.»

Se lhe perguntavam se sofria muito confessava:

«Estou muito mal, mas sofro para consolar Nosso Senhor.»

Pouco antes da morte afirmou:

«Já me falta pouco para ir para o Céu. Lá vou consolar muito Nosso Senhor e Nossa Senhora.»



«O Francisco — comenta Lúcia — era de poucas palavras; e para fazer a sua oração e oferecer os seus sacrifícios, gostava de se ocultar até da Jacinta e de mim. Não poucas vezes o fomos surpreender, detrás duma parede ou dum silvado, para onde, dissimuladamente, se tinha escapado, de joelhos, a rezar ou a pensar, como ele dizia, em Nosso Senhor triste por causa de tantos pecados. Se lhe perguntava:

— Francisco, porque não me dizes para rezar contigo e mais a Jacinta?

— Gosto mais — respondia — de rezar sozinho, para pensar e consolar a Nosso Senhor que está tão triste.»

Certa vez o pequeno retirou-se para rezar. Ao entardecer Lúcia e Jacinta procuram-no e não o encontram; chamam por ele e não responde. Por fim descobrem-no prostrado no chão, atrás dum muro de pedras soltas. Sua prima toca-lhe no ombro, sacode-o e pergunta-lhe:

«Que estás tu aqui a fazer?»

Como que despertando dum sono profundo, o pequeno responde:

«Comecei a rezar as orações do Anjo e depois fiquei a pensar.

— Então não ouviste a Jacinta chamar-te?

— Eu não, não ouvi nada.»

Mergulhado em extática contemplação, mantinha-se alheado das coisas da terra.

«Jesus escondido» — era a expressão deliciosa com que os Pastorinhos designavam o Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Francisco gostava de passar horas esquecidas junto do Sacrário em ternos e compassivos colóquios com Nosso Senhor. Quando com Lúcia se dirigia para a escola, recomendava-lhe:

«Olha: tu vai à escola. Eu fico aqui na Igreja, junto de Jesus escondido. Não me vale a pena aprender a ler; daqui a pouco vou para o Céu. Quando voltares, vem por cá chamar-me.»

E, no regresso, ali o encontrava sua prima em devota e recolhida oração.

«Um dia ao sair de casa, notei que o Francisco andava muito devagar.

— Que tens? — lhe perguntei — Parece que não podes andar!

— Dói-me muito a cabeça e parece que vou cair.

— Então não venhas; fica em casa.

— Não fico! Quero antes ficar na Igreja, com Jesus escondido, enquanto tu vais à escola.

Depois que adoeceu, dizia-me, às vezes, quando, a caminho da escola, passava por sua casa:

«Olha: vai à Igreja e dá muitas saudades minhas a Jesus escondido. Do que tenho mais pena é de não poder já ir a estar uns bocados com Jesus escondido.»

Durante o meio ano da sua doença, vinham-no visitar tanto as crianças, como os adultos.

«Diante das pessoas grandes que o visitavam, mantinha-se em silêncio e respondia, ao que lhe perguntavam, em poucas palavras. As pessoas que o visitavam, tanto da terra como de fora, sentavam-se junto da cama dele, às vezes longo tempo, e diziam:

— Não sei que tem o Francisco! A gente sente-se aqui bem.

Algumas vizinhas comentavam, um dia, com minha tia e minha mãe, depois de terem estado um bom bocado de tempo no quarto do Francisco:

— É um mistério que a gente não entende. São crianças como as outras, não nos dizem nada, e junto delas sente-se um não sei quê diferente das demais.

— Parece que se sente, ao entrar no quarto do Francisco, o que sentimos ao entrar na Igreja — dizia uma mulher vizinha de minha tia, de nome Romana, e que mostrava não acreditar nada nos factos.»

As visitas mais apreciadas do doentinho eram as de sua prima e irmã, com as quais podia abrir o coração e expandir os sentimentos mais íntimos de sua alma.

Na antevéspera da morte mandou, de madrugada, chamar Lúcia a quem declarou:

«É que me vou a confessar para comungar e morrer depois. Queria que me disseses se me viste fazer algum pecado, e que fosses perguntar à Jacinta se me viu ela fazer algum.

— Desobedeceste algumas vezes à tua Mãe. — lhe respondi — quando ela te dizia que te deixasses estar em casa e tu te escapavas para o pé de mim e para te ires esconder.

— É verdade! tenho esse. Agora vai perguntar à Jacinta se ela se lembra de mais algum.

Lá fui, e a Jacinta, depois de pensar um pouco, respondeu-me:

— Olha: diz-lhe que, ainda antes de Nossa Senhora nos aparecer, roubou um tostão ao pai, para comprar um realejo ao José Marto, da Casa Velha; e que, quando os rapazes de Aljustrel atiraram pedras aos de Boleiros, ele também atirou algumas.

Quando lhe dei este recado da irmã, respondeu:

— Esses já os confessei, mas torno a confessá-los. Se calhar, é por causa destes pecados que eu fiz que Nosso Senhor está tão triste! Mas eu, ainda que não morresse, nunca mais os tornava a fazer. Agora eu estou arrependido.

E pondo as mãos, rezou a oração:

— Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem.»

Depois de ter ajudado seu primo a preparar-se para a confissão, Lúcia despediu-se dizendo:

— Agora, eu vou à Missa e lá peço a Jesus escondido por ti.

— Olha: pede-lhe para o Senhor Prior me dar a Sagrada Comunhão.

— Pois sim.»

Como não tinha ainda comungado, a não ser das mãos do Anjo, temia que não lhe fosse permitido receber Nosso Senhor.

«Quando voltei da Igreja — prossegue Lúcia — já a Jacinta se tinha levantado e estava sentada na sua cama. Logo que me viu, perguntou-me:

— Pediste a Jesus escondido para o Senhor Prior me dar a Sagrada Comunhão?

— Pedi.

— Depois, no Céu, peço eu por ti.

Deixei-os ficar e fui para as minhas ocupações diárias de trabalho e escola. Quando voltei, à noite, estava já radiante de alegria. Tinha-se confessado e o Senhor Prior tinha prometido trazer-lhe, no dia seguinte, a Sagrada Comunhão.»



Com que ansiedade o Francisco esperou o momento ditoso em que o seu coração se ia unir a Jesus escondido! Para o receber com maior reverência não quis tomar nada depois da meia-noite, o que, mesmo naquele tempo, lhe era permitido devido ao grave estado de saúde. Quando naquela manhã de primavera, ao raiar do sol, Jesus entrava em casa, por respeito, intentou erguer-se para se sentar na cama, mas as forças faltaram-lhe por completo e caiu sobre o travesseiro.

— Podes ficar deitado a receber Nosso Senhor —, segredou-lhe a madrinha Teresa.

Momentos depois, Jesus descia à sua alma pura e inocente. E o Francisco quedou-se em extática contemplação a consolar Nosso Senhor. Ao despertar daquele doce enleio, as suas primeiras palavras foram para a mãe:

— O Senhor Prior ainda me trará outra vez Jesus escondido?

— Não sei — respondeu a Senhora Olímpia.

«Depois de comungar, no dia seguinte, dizia para a Irmãzinha:

— Hoje sou mais feliz que tu, porque tenho dentro do meu peito a Jesus escondido!»

Referindo-se à véspera da morte de Francisco, escreve Lúcia:

«Este dia passei-o quase todo com a Jacinta, junto da sua cama. Como já não podia rezar, pediu-nos que rezássemos nós o terço por ele. Depois, disse-me:

— Decerto, no Céu, vou ter muitas saudades tuas! Quem dera que Nossa Senhora te levasse também para lá breve!

Já de noite, despedi-me dele.

— Francisco, adeus! Se fores para o Céu esta noite, não te esqueças lá de mim, ouviste?

— Não te esqueço, não; fica descansada.

E agarrando-me a mão direita, apertou-me com força, por um bom bocado, olhando para mim com as lágrimas nos olhos.

— Queres mais alguma coisa? — lhe perguntei, com as lágrimas a correr-me também já pelas faces.

— Não — respondeu-me com voz sumida.

Como a cena se estava a tornar demasiado comovedora, minha tia mandou-me sair do quarto.

— Então adeus, Francisco! Até ao Céu!...

— Adeus, até ao Céu!

E o Céu aproximava-se. Para lá voou nos braços da Mãe celeste.»

No dia 4 de Abril de 1919, pela manhã, exclamou:

— Ó minha mãe, que luz tão bonita, ali, junto da nossa janela!

E depois de alguns minutos de doce enleio:

— Agora já não vejo.

Passado pouco tempo, o seu rosto iluminou-se com um sorriso angélico e, pelas 10 horas da manhã, sem agonia, sem contracção, sem um gemido, expirou docemente. A sua alminha pura como um lírio e branca como uma pomba subiu ao céu, a ver e consolar para sempre Jesus.

Tinha de idade dez anos e quase dez meses.

A suavidade da morte do pequenito impressionou profundamente a quantos estavam presentes, dum modo especial a seus pais.

A mãe depôs no Inquérito Paroquial: «Deu um ar de riso e ficou-se, que nunca mais respirou.»

Com a mesma simples naturalidade falou o pai: «Morreu a sorrir-se.»

No dia 5 de Abril de 1919, um modesto cortejo fúnebre, caminhava em direcção ao cemitério paroquial de Fátima. O Francisco viveu humilde e morreu quase ignorado. O seu enterro não se revestiu de qualquer esplendor. Algumas pessoas e Lúcia, atrás do caixão, chorando o seu querido companheiro.

A Jacinta, prostrada no seu leito de doente, passava horas a fio mergulhada na mais profunda tristeza:

«Ficava por muito tempo pensativa: e se se lhe perguntava no que estava a pensar, respondia:

— No Francisco. Quem me dera vê-lo!

E os olhos arrasavam-se-lhe de lágrimas.»

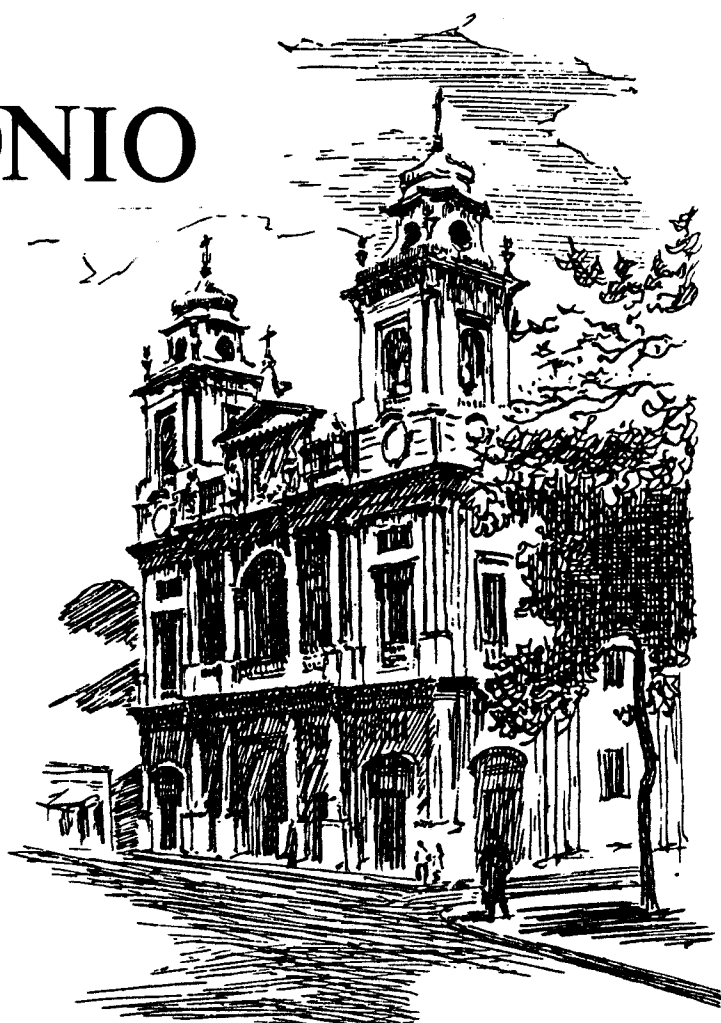


SANTO ANTONIO

Cada grande família religiosa, comporta o sinal de uma certa unidade que não possuem, sobretudo em nossos dias, as famílias comuns. Contradição e hostilidade de irmãos, já celebres na antiguidade, são evidentes nos tempos modernos. Mas esta família de eleição sobrenatural, intitulada ordem religiosa, pede uma certa semelhança espiritual e uma verdadeira homogeneidade. A família de São Francisco parece ter tido, por característica, a simplicidade.

Santo Antonio de Pádua entrou nessa família só depois de uma prova feita alhures, e depois da conquista de uma certeza especial relativa à sua vocação.

Dez anos após a morte do rei Afonso I, e treze após a vinda ao mundo de S. Francisco de Assis, em 1195, nascia em Lisboa um menino chamado Fernando. A fonte batismal, sobre a qual ele recebeu o sacramento regenerador, existe ainda. Seu pai chamava-se Martin de Bouillon; seu avô, Vincent de Bouillon, era um dos generais de Afonso I, e desempenhou seu papel na retomada de Lisboa, quando Afonso I tomou aos mouros esta praça tão importante e tão disputada. Enfim o cabeça de sua estirpe foi muito provavelmente Godofredo de Bouillon, o primeiro a conquistar o Santo Sepulcro de Jesus Cristo.



Essa foi sua família natural. Sua família espiritual foi em princípio a de Santo Agostinho. Mas ele reconheceu que o seu lugar não era lá. Uma visita de S. Francisco de Assis determina sua vocação e o decide entrar para os irmãos menores. Entre os religiosos que deixou, ele experimentou descontentamento e ironia. "Vai, vai, lhe diz um cônego que zombava dele, que você se transformará num Santo." - Mas por que não? Respondeu Fernando: No dia em que souberes de minha canonização, louvarás o Senhor?" Fernando muda de nome e passa a chamar-se Antonio. Essa maneira de anunciar sua canonização futura caracteriza muito bem Santo Antonio de Pádua. Ele não tem nem timidez, nem audácia, nem presunção, nem embaraço. Sabe que será canonizado, ele o diz como pensa, e a coisa ocorreu como disse.

O desejo de martírio o leva para o país dos sarracenos; mas o seu lugar não era lá. Cai doente a caminho, volta a Portugal, visita S. Francisco, estuda teologia, e começa a pregar.

A pregação de então, a religiosa era um acontecimento. Outrora a palavra repercutia nas almas e nas multidões a uma outra profundidade. Quando Santo Antonio pregava, todos os trabalhos eram momentaneamente suspensos, como nos dias de festa. Juizes, advogados, negociantes, deixavam seus negócios e acorriam para onde ele estava. Moradores da cidade misturavam-se aos do campo. Madrugava-se para obter um lugar próximo do orador. A admiração e a conversão eram brilhantes, ardentes, estrondosas. Liberava-se os devedores, inimigos se abraçavam. Comprimiam-se ao redor do santo para tocar suas vestes.

Gregório IX ouvia-o pregar. Maravilhado da maneira como ele sabia a fundo o Antigo e o Novo Testamento, comenta, ao falar do pregador: "Ele é como a arca da aliança, porque a arca da aliança contém as duas tábuas da Santa Lei."



Um dia, durante o sermão, o cadáver de um jovem foi introduzido no lugar santo. Pais e amigos enchiam a igreja com soluços. Antonio, pára, se recolhe, levanta os olhos. Depois dirige-se ao morto e comanda: "Em nome de Jesus Cristo, diz ele, levanta-te." E o morto sai do ataúde.

Em outra ocasião ele pregava ao ar livre. Uma tempestade irrompe; os ouvintes começam a correr. "Parem, diz Antonio, ninguém ficará molhado." A chuva inunda a terra em toda área vizinha, mas nenhum daqueles que, fiéis à palavra do santo, permanecendo imóveis, receberam uma só gota de água.



O dom dos milagres parece acompanhar mais especialmente a simplicidade do que toda outra graça ou toda outra virtude. Santo Antonio pertencia a essa categoria de santos que não se surpreendem de nada e dão ordem às coisas como se fossem pessoas. Possuía o dom da bilocação, que seguramente não lhe parecia mais surpreendente que qualquer outro. Várias pessoas informaram tê-lo visto em sonhos, e que ele havia revelado suas faltas, aconselhando-os a confessarem.

Certo dia pregava ele em Montpellier. De repente se lembra que devia cantar no ofício de seu convento um gradual solene e não tinha pedido a alguém para substituí-lo; o pesar o envolve profundamente: ele pára um pouco e abaixa a cabeça. No mesmo instante vêem-no no convento, cantando o gradual entre os irmãos.

Um dia Antonio encontra, na rua, um homem muito debochado. Antonio se descobre e faz uma genuflexão; alguns dias mais tarde, ele o encontra novamente, e o saúda do mesmo modo. Antonio não podia encontrar esse debochado sem deixar de testemunhar respeitos extraordinários. O homem imaginando tratar-se de uma brincadeira, enfurecido e irritado pela perseverança desse respeito exagerado, apostrofa: "se você pôr-se de joelhos novamente, eu o atravesso com minha espada."

- Glorioso mártir de Jesus Cristo, responde Santo Antonio, lembre-se de mim quando estiver no meio das tormentas.

O debochado se racha de rir. Mas, alguns anos mais tarde, uma circunstância particular o leva à Palestina; ele se converte brilhantemente, prega aos sarracenos, é preso e atormentado por eles durante três dias e morre no fim do terceiro dia.

Ele se lembrou, então, de Santo Antonio no último momento, da impressionante recomendação que havia recebido, e confirma a previsão da qual tanto havia insultado e debochado.

Mas, eis a seguir uma coisa bastante rara na vida dos santos.

Faleceu um homem rico que tinha aumentado exorbitantemente sua fortuna através da usura. Sua família pede a Santo Antonio para fazer a oração fúnebre do morto. "com muito gosto", diz o santo, e pronuncia um sermão sobre a frase do Evangelho: Onde está o teu tesouro aí está o teu coração.



Terminado o sermão, dirige a palavra aos parentes do falecido: "Vai, diz ele, remexei agora nos cofres desse homem que acaba de morrer, quero vos dizer que encontrareis o seu coração no meio do ouro e do dinheiro."

Eles vão, reviram os escudos, e encontram um coração humano, em carne e sangue, ainda quente.

O pai de Santo Antonio foi acusado de assassinato e feito prisioneiro, porque o corpo de um jovem foi encontrado em seu jardim. Isso se passou em Lisboa, e durante esse tempo o nosso santo estava em Veneza. Antonio pede simplesmente ao superior do convento a permissão de sair. Após ter obtido autorização, ele foi transportado até Lisboa, pelo ministério de um anjo. Chegando lá ele ordena ao morto de dizer se seu pai era o culpado pelo assassinato. O morto se levanta, rende testemunha da inocência do velho, depois readormece para sempre. Martin de Bouillon foi posto em liberdade.

Um dia em Toulouse, um herege lhe declara que só um milagre o levaria a crer na presença real. "Eu irei, acrescenta o homem, deixar minha mula três dias sem alimento. Após o que eu lhe darei feno e aveia; se o animal deixar o feno e a aveia para adorar a Hóstia Consagrada, eu acreditarei na presença real." O santo aceita. Os três dias escoam, Santo Antonio toma a hóstia em suas mãos, o herege apresenta aveia e feno à sua mula, que os recusa e volta-se para o Santo Sacramento. O herege se converte.

Outro dia, Antonio pregava em Rimini ante um auditório herético e obstinado. Ele descobre que sua palavra encontrava corações duros e ouvidos fechados. Ele se detem: "levantem-se, diz de repente, e sigam-me até a beira do mar." As pessoas, curiosas de tal aventura, seguem-no. Então, Antonio volta-se para o oceano e discursa aos peixes:

"Os homens, diz ele, recusam-se a ouvir-me. Venham, venham peixes e ouçam-me em seu lugar."

No mesmo instante uma multidão de peixes aproxima-se para ouvi-lo. Eles põem a cabeça para fora da água e cada um se coloca na sua fileira, seguindo uma ordem perfeita.





Se os vê de todas as formas e dimensões. As escamas refletem o sol com uma variedade enorme de formas e cores. Nenhum deles hesitou ou teve medo. Os menores ficaram na frente, os de meio tamanho a uma distância média e os maiores no último lugar.

Quando o auditório estava completo e todos esses pequenos ouvidos tão abertos quanto estavam fechados os dos homens, Antonio começou.

"Oh, peixes, meus pequenos irmãos, rendei graças ao Criador, que vos deu por moradia um tão nobre elemento. É Ele que, segundo vossas necessidades, fornece água doce ou salgada. É Ele que vos abençoou no começo do mundo. É Ele que, no momento do Dilúvio, vos preservou da morte e do castigo universal. Não vos foi preciso da Arca, peixinhos, meus irmãos, estavas em segurança. Deus confirma a um de vossa espécie a guarda de Jonas. Tivestes a honra de fornecer a Jesus Cristo o necessário para pagar o censo (imposto romano). Meus peixinhos, sois privilegiados entre as criaturas, louvai e agradecei ao Senhor."

Durante esse discurso, os peixes se agitam; eles abrem a boca e inclinam a cabeça. - "Bendito seja o Deus Eterno, exclama Santo Antonio! Os animais lhe dão a homenagem que os hereges lhe recusam!"

Enquanto isso, outros peixes afluem de todos os lados, como se tivesse espalhado o rumor de que um santo falava pela primeira vez, explicando os seus privilégios até então desconhecidos. Ter-se-ia dito que os peixes, acusando-se de sua longa ingratidão, sentiam então a necessidade de fazerem agora o devido reconhecimento. Mas os peixes que chegavam não obtinham dos outros que estavam bem colocados nenhuma complacência. Tinham de ficar na última fila.

Seria preciso talvez uma profundidade que a alma humana não possui para se ver claramente o que existe nessa coisa inata que se chama simplicidade, que escapa às investigações, que escapa a ela mesma, que não se duvida, que não se analisa, e que é um dom, e que parece em uma relação direta e especial com essa outra coisa tão diferente que se chama potência, força. Simplicidade e potência! duas idéias que não se assemelham aos olhos dos homens, entretanto é uma característica dos santos taumaturgos.

A lembrança do milagre dos peixes é famosa em Itália. O padre Papbrock conta-nos que em 1660, em 26 de novembro, viu uma capela com vitral descrevendo esse prodígio.

Um dia, sentindo aproximar seu ditoso fim, escreveu ao ministro da província pedindo permissão para se retirar para a solidão. Acabado de escrever a carta, ele deixa por alguns instantes seu quarto. Quando voltou a carta havia desaparecido, e já tinha vindo a resposta. Nenhum homem a tinha pegado...

Na sexta-feira, 13 de Junho de 1231, um pouco antes do pôr-do-sol, Santo Antonio de Pádua acabava de pronunciar essas palavras: "Eu vejo meu Senhor Jesus Cristo."

Antonio parecia ter dormido. Estava morto. Morto aos 36 anos. Trinta e seis anos! - Nesse momento, o abade Vireul, vê abrir-se a porta de seu gabinete e Santo Antonio entrar: "Eu acabo, diz Antonio, de deixar minha animação em Pádua, e parto para minha pátria." No mesmo instante, o abade, que estava mal da garganta, foi curado. Somente mais tarde pode compreender para qual pátria Santo Antonio partira.



NÃO PODEMOS NOS CALAR

Em nossos tempos, fala-se tanto em respeito à pesoas humana; Em nosso tempo, fala-se também em ouvir as pesoas interessadas; Atualmente, muito se insiste na defesa dos menores.

Quem praticou o aborto da criança, cuja cabeça mostramos acima respeitou-a? Obviamente não.

Quem a assassinou (seus pais, médicos, enfermeiras etc) ouviram-na antes de assassiná-la? Com toda certeza, não.

A criança, vítima de tal crueldade, teve defensores? Desgraçadamente, não.

Abortistas! Vocês não respeitam a pessoa humana! Vocês não escutam jamais as pessoas interessadas! Vocês vilipendiam os mais elementares direitos das crianças!

Abortistas! Vocês são assassinos! Vocês são sanguinários malfetores que falam em direitos, mas não respeitam os mais elementares. Vocês não respeitam a vida.

Leitor, se somos tão cáusticos em nossas palavras, é porque não queremos jamais que você pratique um terrível assassinato, que é o aborto. É outrossim porque esperamos que os abortistas se convertam e passem a lutar em defesa da vida e passem a combater incessantemente o aborto.

Somos assim também porque nos move o enorme desejo de lutar pela vida dos inocentes. Enfim, fazemos isso, porque não queremos ver Deus ofendido.

Peçamos à Virgem Maria que dê a nós cada dia o ânimo de lutar, cada vez com mais intensidade por tão nobres ideais.



AJUDE

O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

Alguns bons amigos atenderam nossos apelos e nos ajudaram. Mas, voltamos a pedir ajuda, pois as dificuldades financeiras nos impelem a isso. Você, a mável leitor, estimada leitora pode também nos ajudar. Para tanto, basta ir a qualquer agência ou do Banco Itaú ou do Bradesco e nelas enviar sua contribuição para as nossas contas respectivas:

NO BANCO ITAU:

CONTA CORRENTE 00433-0, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 0003-MERCÚRIO-SÃO PAULO-SP

NO BRADESCO:

CONTA CORRENTE 24019-2, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 278-P - GASÔMETRO -SÃO PAULO- SP



CORAGEM

E

NOBREZA

SÃO CLEMENTE

Quando iniciou seu apostolado em Varsóvia na Polônia, São Clemente Maria Hofbauer saía pelas ruas a esmolar, visando conseguir fundos para as obras que realizava.

Numa ocasião, dirigiu-se a uma taverna com esse fim. Pouco antes de ali chegar, um grupinho de poloneses conversava e um deles atacava São Clemente.

Assim, Kalinski (era o nome de quem atacava o santo) dizia: "Esses alemães mandaram esses padre (São Clemente era austríaco) para dominarem as consciências de nossas esposas. Já não chegaram tomado nossos territórios, agora, querem dominar nossas famílias. Se eu pego um desses padres, ele verá o que é bom".

Mal ele havia acabado de pronunciar essas palavras, o nosso santo adentrou no local. Um dos interlocutores falou: "Então Kalinski, eis aí o seu padre".

Nesse interim, São Clemente se dirige à mesa e de mão estendida pede: "Uma esmola para os pobres de São Beno". "Como é Kalinski, você não vai fazer nada?" falou alguém.

Kalinski pegou o copo de cerveja que bebia, encheu a boca e despejou no rosto de São Clemente.

Este não se perturba. Ele era de índole colérica, era fortíssimo mas sua virtude tudo isso superava.

Puxou um lenço, limpou o rosto e disse a seu agressor: "Você já deu o que eu mereço. Agora, dê uma esmola para meus pobres".

A atitude do santo desconcertou quem fora tão ofensivo. Na mesma noite, Kalinski mandou a São Clemente um saquinho de moedas de ouro e, uma vez devidamente penitente, tornou-se amigo e colaborador dele.

Creemos que este sublime exemplo fala por si. Se agíssemos com esse heroísmo, fariamos um bem incomensurável. Colaboraríamos para a conversão de muitas almas, a começar pela nossa que seria bem melhor do que é. Conceda-nos Nossa Senhora uma virtude assim.

